

A historiografia tem, tradicionalmente, privilegiado as fontes escritas e utilizado as fontes visuais tão-somente como ilustração, confirmando algo previamente afirmado. No entanto, as fontes visuais fornecem amplas possibilidades e, a partir de metodologia adequada, podem propiciar produtivos campos de pesquisa. É nesta direção que procura caminhar este estudo, na medida em que busca identificar uma *pedagogia visual*, contribuindo, assim, para o conhecimento da história da educação no Rio Grande do Sul, tomando como estudo de caso a cidade de Porto Alegre, no período compreendido entre 1889 e 1940. Nesta etapa da pesquisa, investigo o Museu do Estado, posteriormente denominado Museu Júlio de Castilhos, e sua possível relação com o método “lição de coisas”, na medida em que um museu pode ser interpretado como o “duplo” do mundo, a recriação explicativa deste, por meio de objetos, da uma visualidade concreta. O método “lição de coisas” defendia que o ato de conhecer tem início com a percepção do mundo concreto pelos sentidos. Daí a importância dos artefatos, objetos, mapas e outros materiais no contexto pedagógico. Para tanto, faço o levantamento das fontes escritas (relatórios e correspondências) que tratam da trajetória do Museu e da formação de seu acervo. A documentação analisada até o momento permite conceber que a orientação do Museu ao longo de sua trajetória foi estreitamente vinculada à personalidade de cada diretor. Assim, pode-se estabelecer uma periodização que sugere que, de sua fundação, em 1903, até 1925, o Museu prestou-se com maior relevância a ser um museu de ciências naturais; a partir de 1925 até 1939, o perfil mudou para a preponderância da pesquisa histórica. Até o momento, não se localizou informações estabelecendo as relações da hipótese de pesquisa.